

**BRINCANDO COM A GRAMÁTICA: OS PAPÉIS TEMÁTICOS E A
ABORDAGEM FORMAL DA SEMÂNTICA**

SANTOS, Danielle Mota.

danielemota22@hotmail.com

SILVA, Ivany Ferreira da.

nina_otica@hotmail.com

OLIVEIRA, Jussara Moraes.

jussara236@hotmail.com

ABREU, Ricardo Nascimento (Orientador)

Graduado em Letras Português-Inglês, Especialização em Linguística Textual, Mestre em Educação e Professor do curso de Letras da Universidade Tiradentes.

tennascimento@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as relações semânticas entre os verbos e seus argumentos, dentro do âmbito da Semântica Formal. E essas relações sintagmaticamente nada podem dizer, mas exercem em uma sentença funções de papel temático determinando a composicionalidade das frases.

Segundo Dowty(1989), os papéis temáticos resultam em acarretamentos lexicais, ou seja, as propriedades que são determinadas a partir das proposições encontradas nos argumentos. Assim, a interpretação semântica é o mesmo que papel temático apresentando sintagmas com o sentido da ação que os seleciona.

Os papéis temáticos e a sintaxe não se confundem quanto às correspondências que cada item lexical se ocupa. Por isso que as atribuições semânticas são caracterizadas pelas diversas propriedades que a cercam, enquanto os elementos de natureza sintática estão agrupados numa ordem gramaticalmente estabelecida. Então, independente das relações sintáticas dentro de uma estrutura, existem as funções que determinam os papéis semânticos representado pelas palavras.

Serão abordados para os estudos dos papéis temáticos arcabouços teóricos, descrevendo os percursos da formalidade semântica. Então será adotado o Gerativismo como perspectiva inata dos estudos da linguagem.

Com base nas teses do lingüista Noam Chomsky, a língua é um sistema inato, e conseqüentemente determinada pelos falantes que a utiliza. A partir desse pressuposto, os papéis temáticos se encaixam na Semântica Formal, no aspecto dos sentidos relacionados sintaticamente.

Palavras-chave: Argumento, Acarretamento, Papéis Temáticos, Semântica Formal.

EMPREENDIMENTO GERATIVO

Os estudos semânticos formais serão iniciados com a Gramática Gerativa de Noam Chomsky. Então, seguindo essa linha de pensamento, adeptos ao Gerativismo, os lingüistas questionavam à capacidade que os falantes têm de formar números ilimitados de sentenças, a ponto de organizar os elementos lingüísticos da língua. Assim, os gerativistas partiram de dois princípios, o primeiro é defender a existência de uma Gramática Universal e o segundo parte de atos lingüísticos particulares, conseqüentemente de uma Gramática Particular.

O Gerativismo progrediu em complexidade no ramo lingüístico, sendo moldado pelas críticas de sua definição em razão das diversas visões. Pois, Chomsky persegue um mesmo objetivo durante cinqüenta anos, embora com novas concepções lingüísticas.

A Gramática Gerativa consiste nas seguintes afirmações:”Os componentes lingüísticos efetivos(enunciados) são, ao menos parcialmente, determinados por estado da mente/cérebro.”

Os estudos da Gramática Gerativa se iniciam em 1957, com a publicação de Syntactic structures do líder e autor Noam Chomsky. No entanto, Noam publicou também nesse momento outros livros, que foram ignorados por outros estudiosos da língua, relatando pouca influência lingüística.

O próprio Chomsky relata que seu livro não reflete o pensamento lingüístico da época.

Vocês sabem que Syntactic structures era. Van Schooneveld apareceu aqui e deu uma olhada em algumas das notas da disciplina de graduação que eu estava lecionando e disse:eu preciso publicar isso. Uma vez que nada tinha sido publicado ainda, eu disse, por que não, e isso é o que Syntactic structures era. De fato, Syntactic structures é um livro muito enganador.(CHOMSKY,1982, p. 99).

A publicação de Syntactic structures influenciou o primeiro período gerativo coincidindo com o nome dessa obra. A partir desse momento, começa o esforço de Chomsky

para investigar outras correntes de pensamento, o então: Estruturalismo Europeu, dominante na época.

Segundo os estruturalistas a língua foi considerada como um conjunto homogêneo, abstrato e sem influência externa. Por isso, os gerativistas foram contra essas teses européias, afirmando que uma comunidade lingüística possui conhecimento partilhado sobre os enunciados possíveis produzidos. E são essas informações “análogas” ou aproximadas dos falantes, que devem ser descritas e explicadas pelas teorias lingüísticas.

Chomsky, nessa época das relações sintagmáticas, discute em seus trabalhos a linguagem formal e procura definir a natureza formal das línguas naturais, comparando às línguas dos lógicos e matemáticos. Dessa forma, no quadro de uma tese explicativa, foi necessário aparato de conjunto de regras, estabelecendo frases geradas a partir da gramática gerativa. Por conseguinte, essas normas são capazes de dar conta de uma língua qualquer, contando com boas formações gramaticais.

Assim foram dados os primeiros passos gerativistas desvinculados dos estudos da semântica, sendo tudo resolvido antes pela sintaxe. Apesar de os estudos semânticos ainda prevalecerem dentro do campo filosófico, será provado que as relações sintáticas por si não resolvem os problemas dos significados. Logo, a língua é analisada de forma abstrata, afastando-se do tradicionalismo gramatical e se aproximando das ciências cognitivas.

A criatividade lingüística possibilitou ao segundo momento gerativista perceber que o ato da linguagem humana é diferente do sistema de comunicação animal. Então, relacionado aos falantes de uma língua, eles têm intuição sobre as estruturas sintáticas que ouvem e produzem.

As sentenças são formadas pelas transformações geradas em outras estruturas sintáticas, por meio de aplicações de regras de acordo com o conhecimento implícito e natural

dos falantes. É também nessa alusão lingüística que entra a importância dos papéis geradas pelos estudos semânticos.

Esta inserida na segunda fase a Teoria Gerativa Transformacional em 1965, se preocupando com as regras das interpretações semânticas e fonológicas. No entanto é um estudo do aspecto interno e externo à linguagem. Assim Noam Chomsky em sua concepção de língua vai analisar as estruturas lingüísticas que proporcionam os falantes a exprimir pensamentos através de frases. Diferenciando as chamadas “estruturas” profundas, são os sentidos, das “estruturas de superfície”, referindo-se à camada sonora da sentença.

Empenhou-se em mostrar as habilidades que o falante faz com o uso da língua, não se limitando a gramaticalidade descritiva. Mas, a intuição dos indivíduos, através da gramática transformacional exercendo explicar a influência dos falantes numa língua.

Em 1995 surge o Programa Minimalista propondo inovações nas pesquisas lingüísticas. Porém, essa proposta não substitui os princípios e parâmetros exposto por Chomsky na primeira fase.

O modelo padrão do passo primordial gerativo datada no ano de 1965, dedica-se a uma faculdade de linguagem atuando entre si. Posteriormente, o lingüista vai lançar a obra: *Lectures on Government and Binding* partindo dos pressupostos metodológicos que foram citados nas linhas acima.

Os minimizadores propõe que tudo seja minimizado, afirmando que as línguas são do jeito como os elementos são organizados no ato da fala.

“A fertilidade e novas posturas vieram revolucionar os estudos lingüísticos” (BORBA,1976,p. 7).

As várias fases do Gerativismo são marcadas pela sintaxe, partindo da idéia de que, quanto maior for o número de estruturas sintáticas geradas, a capacidade gerativa dessa

gramática também será acrescida. Significa dizer, que o tratamento formal oferece, para a perspectiva gerativa, hipóteses explícitas e mais facilmente comprovadas gramaticalmente.

De acordo com Borges Neto a questão básica a essa posição é: Se é a forma da língua (caracterizada pela abordagem formalista) que determina sua função (ou suas funções) ou se são os usos da língua (caracterizados pela abordagem funcionalista) que determinam sua forma. De fato, uma visão da “problemática ovo/galinha.” (BORGES, 2004, p. 86).

HISTÓRIA DA SEMÂNTICA LINGÜÍSTICA

Semântica é uma palavra de origem grega (*semantiké*) que traduzida seria “a arte da significação”. É a ciência lingüística que estuda as relações das palavras com os objetos por elas designados.

O estudo da semântica (enquanto estudo do significado) é fundamental para o estudo da comunicação, exigindo esta cada vez mais pesquisa, devido a sua importância na organização social. Assim, o significado, essencial para que as interações humanas se estabeleçam de forma perfeita, pode assumir diversos aspectos: o conceptual (lógico e cognitivo); o afetivo (patente nas emoções ou atitudes do escritor/falante); o refletivo (resultante da associação com outro sentido na mesma frase); o de colocação (quando tende a ocorrer noutra palavra); o temático (ilustrativo da maneira como a mensagem é transmitida no que respeita a ordem e à profundidade do assunto explanado), que é o foco dessa pesquisa.

Como acontece na maior parte das teorias, uma das condições essenciais da semântica resulta da necessidade da mesma ser falsificável para que possa ser empírica. Sendo assim, todas as teorias contrárias devem ser devidamente avaliadas com o objetivo de às falsificar. Para além disso, a teoria semântica deve obedecer a três preceitos: deve compreender a natureza da relação entre os significados, deve encontrar ambigüidades, quer em palavras quer em sentenças- no fundo, trata-se das relações de sinonímia, acarretamento, inclusão lógica, contradição, etc. Por outro lado, uma das propriedades gerais que qualquer teoria lingüística geral deve apreender consiste no carácter finito do conjunto de sentenças que representam a linguagem. Chomsky foi o primeiro a atribuir esta peculiaridade à linguagem, baseando-se na tarefa censurável do lingüista de dar uma mera descrição das sentenças semânticas, sintáticas ou fonológicas. Assim, o mesmo lingüista estipulou a possibilidade de um conjunto infinito de objetos ser descrito a partir de um conjunto finito de regras ou

enunciados gerais. Quando aplicado à semântica este processo não interfere na atribuição do significado às palavras, porque as linguagens possuem somente um conjunto de palavras cujos significados podem ser referidos numa lista finita.

A teoria semântica descreve e explica o significado dos sons emitidos pelos falantes de qualquer língua. Trata-se de descrições estruturais necessárias e indispensáveis à comunicação oral e escrita. Através dos diversos tipos de semântica, toda competência lingüística é assegurada e, sobretudo mantida: a semântica lexical, formal, e argumentativa.

Tal como as outras disciplinas lingüísticas, a semântica pode ser teórica (se estuda o conceito de significado), histórica (quando analisa o significado diacronicamente), descritiva (sempre que analisa o significado sincronicamente) ou comparativa (quando se opta por relacionar significados).

A semântica influencia ainda o estudo da mente humana, no que diz respeito a processos mentais ou cognitivos, que estão intimamente ligados à maneira como classificamos a própria experiência no mundo, através da linguagem.

Na história da Semântica lingüística, Chomsky, um dos maiores expoentes no quadro lingüístico, entra com seus estudos sobre a linguagem no final do período estruturalista. Por isso que a sintaxe se chocou com as idéias saussurianas por volta de 1930. Assim, essa nova tendência contribuiu para um entendimento melhor da lingüística.

Em 1921, L.Roudet sofre influência da lingüística psicológica. Então a linguagem é entendida como processos mentais, habilitando os falantes a executá-la.

Ao longo da primeira metade do século XX, inexistiam instrumentos teóricos que explicassem à semântica. Por essa razão, os estudiosos dessa área abandonam os estudos dos significados. Esse fato proporcionou a escola americana, inspirada por Bloomfield, posiciona-se como elo de uma extensa cadeia de estudiosos que puseram a semântica em estado de

espera. Leonard Bloomfield (1877-1949) foi considerado o lingüista americano fundador da Linguística Estrutural Americana.

Os filósofos generalizaram a linguagem, a concepção deles era fundada na rejeição do conhecimento interior, seguindo uma linha behaviorista. Contudo, Chomsky rejeitou o behaviorismo tanto que as teorias gerativas foram capazes de serem substituídas e aplicadas ao tratamento lingüístico em contraposição aos hábitos da repetição.

O modelo behaviorista não teve suportes suficientes para analisar a língua, descrevendo apenas o estímulo-resposta do ser humano na aquisição da linguagem.

Diante desse impasse, são muitos os nomes que se destacaram para construir a história da Semântica. Logo, na transição dos estudos dos significados, existirá transtornos entre os teóricos, mais precisamente, os filósofos e lingüistas, nos saltos que os mesmos darão em suas pesquisas sobre a linguagem.

O filósofo alemão Rudolf Carnap, uma das principais figuras do círculo de Viena, deu grande incentivo a Semântica Filosófica. Assim, fica claro que no campo filosófico estavam surgindo novos pensamentos lingüísticos, diferentes dos conceitos abstratos que a língua foi submetida pela ciência filosófica.

Muitos fundamentos conceituais se alicerçaram na filosofia da linguagem. Apesar de consolidado com o tempo, o afastamento dos estudos lingüísticos e filosóficos, ambas são impossíveis distanciarem. Pois, questões do cenário filosóficos mesmo instáveis teoricamente, resolveram até então, os problemas dos significados. Sendo, mais tarde modificadas por teorias que foram desenvolvidas a partir dos estudos lingüísticos filosóficos.

OS FILÓSOFOS E O SURGIMENTO DA SEMÂNTICA

O sentido como alvo dos estudos lingüísticos tinha como principais propagadores os filósofos. Contudo, as significações eram restritas ao campo filosófico, somente no século seguinte que a semântica entra como uma ciência propriamente dita.

As complexidades teóricas proporcionaram aos significados certas submissões a outras ciências. Logo, a psicologia foi uma das que estabeleceram o Cognitivismo, demonstrada pela Semântica Formal.

Com o passar do tempo existirão arcabouços teóricos suficientes para explicar a semântica que anteriormente era conhecida como “Pântano das Significações”. Nessas circunstâncias atraída por outras análises conceituais, os semanticistas em suas afirmações sobre os sentidos, mesmo com base nos estudos que prevaleciam na época no campo lingüístico, vão modificar suas definições.

Genericamente a ciência dos significados é do ramo lingüístico e os questionamentos fluíram com os avanços que as valorizaram adentrando-se ao cientificismo. No século XIX Michel Bréal publicou seu *Essai de Sémantique Science des significations*, em que escreve:

“Minha intenção foi dar um esboço geral, estabelecer uma divisão geral, e uma espécie de plano provisório, para um domínio que não tem sido estudado até agora, o qual deveria resultar do trabalho de muitas gerações de lingüistas”. (BRÉAL,1968,p. 10).

As investigações são proporcionais a ciência das significações, ou seja, a Semasiologia. Pois, os problemas dos sentidos abrangem várias caracterizações. Então, as palavras não se restringem ao óbvio, mas aos extensos significados que está sujeitos a transformação quanto ao seu conceito.

“A semântica (semasiologia), como um ramo da lingüística, trata da significação e das mudanças de significação e das palavras e expressões”. (BULAKHOVSKI,1968,p. 12).

SEMÂNTICA FORMAL

Os problemas lingüísticos foram elevados a uma única categoria filosófica, se comprometendo em “desvendar” a semântica, tendo como alicerce os estudos lingüísticos diacrônicos.

Foram várias as pesquisas dos fenômenos semânticos. Dentre elas, destaca-se neste artigo a Semântica Formal, alcançando apenas as significações das relações sintagmáticas. No entanto, os estudiosos dessa área se posicionaram das análises significantes associativas para as significações relacionais.

Duas correntes de pensamento serão opositoras. Em meados do Século XIX, o Behaviorismo que defendia a capacidade dos homens de desenvolver a fala através da repetição. E o Construtivismo acreditando em falantes portadores de criatividade, essa segunda tese foi mais convincente para Chomsky.

Os Behavioristas ocultaram a mudança lingüística, pois não observaram as criações da linguagem propriamente desenvolvidas pelos indivíduos no ato da fala. Por isso, a Semântica Formal atribui a partir do conhecimento da significação, a possibilidade dos indivíduos de criar sentenças completamente novas, devido a nossa capacidade de produzi-las e também de compreender os itens lexicais. Logo, estar provado à contradição dos behavioristas.

A introdução de uma estrutura sentencial resultou nos estudos semânticos formais, porque as palavras isoladamente carregam sentidos análogos. Mas, não ultrapassam as significações que elas podem ter dentro de uma relação sintática, sendo o sentido limitado a partir das estruturas gramaticais da qual se ocupa.

Numa sequência sintagmática as informações expressas dependem do conhecimento do significado para que as associações sejam interpretadas. Por isso, a sintaxe se ocupa com

as construções frasais de uma linguagem, enquanto a semântica com os sentidos resultados dessas sentenças. Logo, o significado depende das relações de sentidos pré-estabelecidos pelas estruturas sintáticas.

A sintaxe é o estudo dos princípios e processos a partir dos quais as sentenças são construídas nas línguas particulares. O estudo sintático de uma língua dada têm por objetivo a construção de uma gramática que pode ser considerada como um tipo de mecanismo que produz as sentenças da língua sendo analisada.(CHOMSKY,1957,p. 13).

A sintaxe e a semântica estão ligadas, sendo a primeira parte imprescindível nos estudos semânticos formais. Pois, a maneira como as frases são arrumadas sintaticamente, os sentidos são constituídos a partir da sintaxe, porque a forma como as sentenças são estruturadas refletem no significado. Um exemplo disso são duas frases exatamente iguais, mas escritas inversamente. Como consequência, os sentidos serão diferentes.

PAPEL TEMÁTICO

Os sentidos proporcionados nas relações entre os argumentos e os verbos, dentro do plano sintagmático são chamados papéis temáticos. Essas dependências de ambas as partes estão determinadas pelo quadro semântico lingüístico.

Franchi (1994 a 1997) assumiu que Papel Temático é o grupo de propriedades atribuídas a um argumento, partindo dos acarretamentos estabelecidos por toda proposição em que esse argumento encontra-se.

As famílias lexicais compõem um campo associativo. E esses itens arbitrários serão permitidos na estrutura sentencial, somente aqueles que se adaptam nos encadeamentos semântico-sintático. Então, com base na gramaticalidade geradora de formações lingüísticas explícitas linearmente, os papéis temáticos se comportam na sintaxe como elementos representativos das frases.

Algumas definições dos principais papéis temáticos, que adiante serão descritas, demonstram o quanto as teorias, para caracterizá-los, apresentam ambigüidades. Pois, o tratamento teórico para as definições são vagos e informais. Mas, existem questões de natureza semântica, mais especificamente as que envolvem conteúdo semântico dos papéis temáticos, ordenando a estruturação sintática, e, portanto, estas devem fazer parte de uma teoria gramatical.

Atualmente há um consenso entre a maioria dos lingüistas, principalmente os gerativistas defendendo a noção de agente, paciente, tema, instrumento, objetivo e as demais funções sintáticas.

“A existência dessas noções é aceita pela maioria das teorias lingüísticas, porém devido à inconsistência das definições usadas, muitas desistiram de incluí-las em uma teoria gramatical”. (CANÇADO, 2003, p. 95).

Halliday (1967), descreve o agente como o controlador da ação; o instrumento é definido por Chafe (1970), como o objeto usado pelo agente para realizar as ações; o paciente é o elemento modificado no processo da ação (Filmore,1968). E finalmente, também Chafe (1970) considerou o objetivo aquilo que esta em determinado estado ou têm alterado esse estado ou condição.

As primeiras noções sobre papéis temáticos foram introduzidas por Gruber (1965), Filmore (1968), e Jackendoff (1972), defendendo que as relações entre sujeito, objeto e outros são insuficientes para traduzir a existência de dependência entre os elementos em certas construções. Logo, as relações semânticas exercidas pelos papéis temáticos estão organizadas de tal maneira ultrapassando das perspectivas estruturais para as relações de sentido entre os verbos e seus argumentos.

Para esclarecer as noções de papeis temáticos, os fenômenos serão demonstrados através de exemplos norteados nesse artigo. Assim, será abordada uma lista abrangente de papéis temáticos.

Segundo Fillmore (1968,1971) o agente é caracterizado, como já foi relatado nesse artigo, o desencadeador de alguma ação, sendo capacitado a agir com controle sobre ela. Vejamos isso no simples modelo abaixo:

(1) Carlos beijou Joana.

O papel temático de Carlos é ser agente dos argumentos colocados na sentença, a partir do verbo beijar designando a função de paciente para Joana. Então, os conteúdos semânticos proporcionado pelos argumentos na sentença, acarretam determinados papéis através de ações realizadas pelos verbos contidos nas preposições.

Há uma grande abrangência relacionada aos tipos de papéis temáticos propostas na literatura. Porém serão analisadas apenas algumas propriedades.

- Paciente

Ex: Renato bateu em Ana.

*Renato teve o controle da ação (Agente);

*Renato teve intenção de bater em Ana;

*Não usou instrumento para tal ação, ou seja, na frase não está explícito qual foi o instrumento que ele bateu a mesma;

*Ana foi o alvo sofrida pela ação,

*E conseqüentemente é animado.

- Instrumento

Ex: Antônio matou o gato com uma pá.

*Antônio utiliza um objeto para realizar a ação;

*A pá ocupa a função de instrumento do agente;

*Não existiu força motivadora, já que o instrumento é um ser inanimado;

*O verbo matar atribui ao argumento a função acarretada na sentença.

- Objetivo

Ex: Meu tio viajou para o Rio Grande do Sul.

*O argumento Rio Grande do Sul recebe a função de objetivo da ação na estrutura sintática;

*Sendo o objetivo afetado pela ação que é interpretado como o destino da sentença;

*Percebe-se que o objetivo é um ser inanimado que foi diretamente correspondido pela ação.

O agente para Fillmore(1968), é a função desempenhada por um ente animado que é responsável, voluntaria ou involuntariamente pela ação ou desencadeamento dos processos. Para Halliday(1967), é o elemento controlador da ação. E, para Chafe(1970), é algo que realiza a ação, incluindo aí animados, forças naturais e inanimados.(CANÇADO, 2005,p. 115).

Analisando a sentença abaixo, de acordo com as defesas dos teóricos acima sobre as diversas funções que os papéis temáticos ocupam, é evidente em (1) que Maurício seria o agente da ação para Fillmore e para Chafe; Entretanto, para Halliday ele não o seria.

(1) Maurício quebrou a perna com um empurrão que levou.

Não é fácil classificar um determinado papel temático numa sentença, pois, a cada nova ocorrência da língua surgirão novas relações lexicais possibilitando a geração de um novo papel temático. Por isso, ora o papel desempenhado por uma palavra no quadro sentencial pode ocupar a função de paciente ou agente, dependendo da interpretação semântica estruturada na sentença.

A possível identificação dos papéis temáticos é realizada através de testes que propõem “fórmulas” para determinar as relações entre os verbos e seus argumentos. Assim, Jackendoff(1972) propôs que, sentenças que tem um agente aceitam expressões: com a intenção de.

(2) A- Pedro pegou o lápis de Clara com a intenção de escrever.

B- Pedro ganhou o lápis de Clara com a intenção de escrever.

É possível ser agente em 2(A), mas em 2(B) a expressão não é aceita para que o papel atribuído pelo verbo a Pedro seja de agente da sentença.

O paciente pode ser representado como nos exemplos (3) (4) e (5) para identificá-lo. Então a letra Y representa o paciente, enquanto o X é o agente numa estrutura frasal. Assim, usa-se a seguinte estratégia:

*O que X fez foi...(X= agente)

*O que aconteceu com Y foi...(Y= paciente)

- (3) Mauro colocou o copo na pia.
- (4) O que Mauro fez foi colocar o copo na pia.
- (5) O que aconteceu com Mauro foi colocá-lo na pia.

As posições sintáticas e os papéis temáticos na Língua Portuguesa aparecem genericamente na mesma ordem exercendo ambas as respectivas funções sintáticas de sujeito, e no ângulo semântico de agente; tema e objeto; instrumento e adjunto. Geralmente ocupam essas posições, pois, a língua portuguesa é essencialmente agentiva, aparecendo com frequência o sujeito na posição semântica de agente.

A tendência do português e de outras línguas é seguir um panorama lingüístico dessa maneira já citado. Porém, existem sentenças em que as ordens podem ser invertidas. Em outras palavras, uma das características das línguas naturais é que pronunciamos elementos em uma posição, porém, eles são interpretados em outra.

- (6) Marlene cortou o dedo com uma faca afiada.
- (7) Uma faca cortou o dedo.

Em (6) foi possível a omissão do agente, substituído em (7) por um papel de instrumento na sentença.

Alguns verbos trazem consigo uma carga semântica fornecendo informações que são relevantes quanto à sua grade temática. E as ações estabelecidas a partir dos termos categoriais são resultados tanto semânticos como também sintáticos. Pois, a sintaxe se encarrega em preencher os argumentos selecionados pelo predicado, produzindo uma sentença gramatical.

O que queremos dizer com isso, é que a grade temática de alguns verbos prevê que os papéis temáticos agente/paciente sejam correspondidos nos níveis sintáticos ao sujeito/tema. Isso acontece na seguinte sequência:

(8) [O agricultor] destruiu [a plantação.]

A grande temática de destruir está representada pelas letras (i) e (j) respectivamente, ocupando os papéis semânticos de agente e tema/paciente. Então, existem possibilidades de diferentes papéis temáticos serem semelhantes com o sujeito gramatical, apesar dos argumentos relacionais resultantes de tais propriedades no plano semântico executarem funções diferentes das gramaticais de sujeito, objeto e adjunto. Na hierarquia temática ocupam funções sintaticamente iguais.

Vejamos agora a grade temática do item lexical comer:

(8.1) [A garota] comeu [o macarrão]

Assim, o verbo comer prevê que os argumentos sejam denominados como agente (m) e outro como tema (n). Mas, é no nível sintático que os argumentos são saturados pelos constituintes adequados. Então, as propriedades semânticas são preenchidas pelos componentes adequados que tenham características de agente/tema respectivamente.

No exemplo citado acima, no lugar de (a garota) poderíamos ter outro léxico que representasse um agente com capacidade de comer, ou então alguém do sexo feminino para substituir a palavra garota. Então, o mesmo acontece com o tema, se colocarmos (massa) no lugar de macarrão.

A grade temática de um verbo está de certa forma, pré-determinada pela situação saturada na estrutura sintática. Logo, o significado torna o processo mais objetivo.

Existe uma lista enorme de verbos dentro da grade temática, a exemplo de: comer, dormir, varrer e outros. Sendo destacado apenas o verbo comer.

O princípio hierárquico submete alguns papéis temáticos às mesmas posições dentro da estrutura sintática, só que interpreta no aspecto semântico. Isso está demonstrado no exemplo (9):

(9)1- O pedreiro quebrou o muro com o martelo.

2- O pedreiro quebrou o muro.

3- O martelo quebrou o muro.

4- O muro quebrou.

Porém as sentenças (10) não são aceitas. Logo, o agente (pedreiro) tem mais chances de ser o sujeito do que o instrumento.

(10)1- O pedreiro quebrou com o martelo.

2- O muro quebrou com o pedreiro.

3- O pedreiro quebrou.

4- O martelo quebrou.

Ainda algumas sentenças violam os princípios temáticos quando apresentam agramaticalidade sendo rejeitada sintaticamente. Em (11) existem três argumentos associados ao verbo ver que implicará em papéis e serão recusados, pois, somente dois argumentos são cabíveis para as funções que o verbo atribui a Paulo e Roberto, respectivamente, experienciador e tema; Consequentemente um dos argumentos ficará sem papel.

(11) Quem o Roberto viu o Paulo?

Não prevaleceu em (11) uma correspondência biunívoca entre os números de argumentos de ver e os papéis que correspondem a esse verbo.

Outras características importantes dos papéis temáticos nas estruturas sintáticas em (12) mostra que o papel de Rafael não provém apenas do núcleo, ou seja, do verbo pegar, mas dos argumentos acarretados pelas ações nas frases. Observe:

(12)A-Rafael [pegou[uma carona].

B-Rafael [pegou[uma gripe forte].

C-Rafael[pegou[a filha(nos braços)].

D-Rafael[pegou[a panela sem cabo].

Em (12) o mesmo verbo pegou flexionado igualmente não representa para o argumento o mesmo evento. Pois, “pegar a filha nos braços” pode ser determinado como agente (Rafael), mas em “pegar uma gripe forte”, não acontece. O mesmo (Rafael), portanto, não é o agente da ação. Então, é impossível que alguns argumentos exerçam funções cabíveis em papéis temáticos que não dá para imaginar tais sentidos.

Nesse outro exemplo (13) mais um fenômeno semântico demonstra casos como esse, que a organização temática dos argumentos é os mesmos representado pela palavra lua e homem, que possuem a mesma função nessa ordem de tema e agente, apesar de sintaticamente os argumentos desempenharem gramaticalmente ofícios diferentes de complemento (da lua) em (13 A), do verbo conquistar e de objeto direto (a lua) em (13B).

(13)A- A conquista da lua pelo homem.

(13)B- O homem conquistou a lua.

Quem atribui os papéis temáticos são os núcleos lexicais e quem é capaz de receber os papéis são os argumentos selecionados pelos núcleos lexicais.

Observemos o modelo (14) abaixo:

(14)Carla deu o chiclete para Mateus.

Na sentença acima, o verbo submete o argumento a função de Tema e de Beneficiário a Mateus, demonstrando os aspectos temáticos característicos de cada item lexical como já foi afirmado anteriormente.

Outros fenômenos devem ser explicitados nas várias propriedades dos papéis temáticos. Na sentença (15) por exemplo, o verbo atribui ao argumento um papel semântico incapaz de exercer uma significação cabível na sentença. Pois, são impossíveis os sentidos apresentado na estrutura demonstrando que sintaticamente a frase pode ser formada, mas semanticamente contradiz o significado sintagmático.

(15) A pedra beijou Lázaro.

Esses argumentos não fazem relações com o verbo beijar, pois a pedra não é um ser beijador. Mas pode ser analisada apenas a pedra ocupando o papel de agente, e Lázaro o de paciente. São esses os desígnios que o verbo beijar concede aos argumentos. Então fica claro que assim como os elementos lingüísticos sintaticamente não podem nada dizer, existem significados também mesmo estruturados perfeitamente no plano sintático que são incoerentes no aspecto semântico.

A descrição dos verbos em português é constituída em duas classes: os verbos transitivos e os verbos intransitivos.

A sentença (16) mostra que esse verbo seleciona um agente e possui um objeto direto implícito incorporado ao seu significado básico, mas que não se manifesta em sintaxe visível.

(16) A Catarina provocou o acidente.

Nota-se em (16) a função de argumento externo Catarina ocupando posição de agente, e o argumento interno acidente exerce o papel de tema da ação imposta pelo verbo transitivo provocar.

Analisemos agora o deslocamento do verbo no exemplo (17) que não impede nos dois modelos aparentemente atribuir papel temático de agente nas estruturas. Mas, o argumento está submetido a um evento (chegar), que irá mudá-lo de caráter passando a exercer papel de tema na frase. No entanto, a localização sintática não impede que determinado argumento receba atribuições semânticas dos verbos em diferentes situações na estrutura sintática.

(17)A- O professor chegou.

B- Chegou o professor.

C- As folhas chegaram.

D- Chegaram às folhas.

Ainda no exemplo(17), o verbo seleciona traços argumentativos mais animado(professor) e menos animado(folhas)atribuindo ao argumento(professor) uma carga semântica correspondente a um ser com possibilidades de realizar a ação. Enquanto as folhas ocupam significados inanimados em relação ao ato de chegar.

(18)A- Corre João.

B- A chuva corre.

Em (18 A), o verbo correr exige maior restrição sintática para não cometer a agramaticalidade quanto à posição que o argumento se superficializa. E na sentença (18B), os termos no quadro semântico contradizem o sentido acarretando impossibilidade de sentido ao argumento chuva através do verbo correr. Embora os verbos sejam monoargumentais, não significam que os mesmos atribuam papéis temáticos homogêneos, pois, a alternância da posição verbal exige traço semântico adequado para determinar características mais animadas ou menos animadas dependendo da capacidade dos seres para desenvolvê-las.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A semântica formal se baseia nos estudos que alcançam os significados das sentenças. Assim, as diversas modalidades formais se apóiam numa Gramática Gerativa inaugurada pelas teses lingüísticas de Noam Chomsky. Então, seguindo regras estabelecidas serão geradas apenas frases possíveis gramaticalmente.

Os gerativistas ampliaram as suas pesquisas e a linha de pensamento predominante na época. O Estruturalismo foi sendo substituída pelas propostas dos lingüistas representados pelo Gerativismo. Logo, existiram transtornos teóricos entre filósofos e lingüistas para explicarem as estruturas de uma língua.

Investigações, trabalhos e pesquisas tornaram os estudos da linguagem mais complexos, e a semântica, identificada como a ciência das significações irá acompanhar esse processo evolutivo. Por conseguinte, os fenômenos semânticos abrangem muitos aspectos, e dentro do formalismo foram levantadas questões representadas pelos papéis temáticos.

As relações semânticas que proporcionam devidas associações entre os verbos e seus argumentos ocupam papéis temáticos que recebem posições múltiplas, exercidas pelos complementos. Então, o sujeito no panorama sintático não é apenas atribuído o papel de agente, podendo ser considerado também como tema/afetado, instrumento e outros. Pois, os papéis semânticos, em alguns casos são alterados em relação aos sentidos que os acarretamentos estabelecem aos argumentos.

A identificação dos papéis temáticos, além das interpretações superficiais afirmando determinadas posições, contradiz o pressuposto da tradição gramatical. Segundo Cegalla(1972), afirmou que um verbo está na voz ativa quando o sujeito é agente, isto é, faz a ação expressa pelo verbo.

O tipo de relação semântica implica na função obtida pelo argumento através dos acarretamentos proporcionados nas sentenças, ocupando tais funções. Entretanto, o conteúdo semântico permite que as palavras sejam rotuladas não de forma arbitrária, mas exercendo funções que estão concatenadas aos respectivos verbos para resultarem em relações semânticas pressupostas pelas teorias lingüísticas dos significados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RECTOR, Mônica, YUNES, Eliana. **Manual de semântica: lingüística e filologia**. 1ª ed. São Paulo: Ao livro técnico, 1980.

BORBA, Francisco da Silva. **Teoria sintática**. 1ª ed. São Paulo: EDUSP, 1979.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. **Semântica Formal: uma breve introdução**. 1ª ed. São Paulo: Mercado livre, 2001.

PEREIRA, José Reis. **Sintaxe estrutural**. 1ª ed. Teresina: Inep, 2000.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

SCHAFF, Adan. **Introdução à semântica**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.

MÜLLER, Ana Lúcia, NEGRÃO, Esmeralda Vailati, FOLTRAN, Maria José. **Semântica Formal**. São Paulo: Contexto, 2003.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. São Paulo: Ática, 1985.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth Elisabeth Vasconcellos. **Novo Manual da Sintaxe**. Florianópolis: Insular, 2007.

CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica: Noções básicas e exercícios**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.